

Só caminhando e olhando para trás conseguimos ver o tamanho da mudança

As relações de trabalho sempre me chamaram a atenção e me despertaram um interesse profundo. Para mim, tudo, absolutamente tudo na nossa sociedade é atravessado por essa relação.

Eu me apaixonei pelo Direito do Trabalho. Na verdade, eu sou apaixonada por gente e gente trabalha, e as grandes mudanças sociais acontecem, de fato, no ambiente do trabalho. A sociedade segue evoluindo e os temas mais desafiadores, provocadores de mudança social, aparecem, necessariamente, nas relações de trabalho.

Falo tudo isso porque quando o tema desse concurso chegou até mim imediatamente me lembrei de dois exemplos muito vivos que guardo aqui comigo sobre o que a Justiça do Trabalho e, em particular esse Tribunal, ensinou-me sobre direitos, cidadania, futuro e sobre a importância do que estou falando.

O primeiro deles diz respeito a processos judiciais, mas calma, não vou aqui ficar falando 'juridiquês' ou explicando situações processuais, mas preciso fazer um pequeno contexto antes de chegar ao ponto.

Comecei o estágio ainda no terceiro ano da faculdade na área trabalhista de um escritório de médio porte. Atuávamos no consultivo e contencioso trabalhista para empresas. Eu tive muita sorte, trabalhei numa equipe em que todos eram muito bons no que faziam, que realmente me ensinavam e me deixavam aprender, a ter contato com o processo, com as audiências e com os clientes.

Um de nossos clientes era uma multinacional metalúrgica. Por ser uma grande empresa tinham muitos processos trabalhistas, mas notei que boa parte deles eram da década de 80/90 e, na época, já estavam se resolvendo. Todos eles tinham uma coisa em comum, a demanda: doença/acidente de trabalho, perdas auditivas, lesões graves por esforços repetitivos e, em casos mais graves, perda de membros em maquinários.

Observem, não falo de UM processo, mas de uma dezena deles, de uma só empresa, TODOS, absolutamente todos haviam condenações duras: reintegrações, indenizações por danos morais e materiais, pensões vitalícias.

Observei também que as reclamações por estes motivos diminuíram drasticamente nos anos que se seguiram.

E aqui chegamos ao ponto que eu gostaria, esses processos são uma fração pequena daquilo que realmente acontecia em diversas indústrias nesse período. Revelavam a quantidade de vidas que mudaram por causa do exercício do trabalho. Pessoas lesionadas, famílias sem condições de sustento, o desamparo e o medo.

Ouso dizer que muitos dos que sofreram nesse período sequer tinham ainda conhecimento de que não foram culpados pelo evento que lhes acometeu. Como sociedade ainda não tínhamos noção de que aquelas ocorrências eram responsabilidades daqueles que empregavam aquelas vidas... que muitas vezes sequer reclamaram.

A pergunta que eu fiz aquela época foi: Por que os processos trabalhistas por esses fundamentos diminuíram tanto? O que aconteceu?

E a resposta era muito clara, preservar a vida das pessoas, cuidar delas e do ambiente em que elas passavam o maior tempo de do seu dia só foi possível porque esse Tribunal foi corajoso o suficiente para enfrentar a situação, ensinar claramente os limites e responsabilidades de cada um nesse espaço do trabalho e, obviamente, aplicar condenações bastante duras àqueles que eram os reais responsáveis.

Olhando daqui do meu lugar e da minha perspectiva, que deve ser pequena, vejo a grandiosidade da mudança social que se atravessou silenciosamente por nós e pergunto: quantas vidas foram poupadas? Quantos acidentes foram evitados? Quantas vidas se tonaram mais dignas depois que o espaço a que elas dedicavam grande parte do seu tempo estava mais seguro?

E isso me permite concluir o quanto a atuação desse Tribunal, por meio de cada decisão, contribuiu em devolver dignidade e, também, de desenvolver a cidadania mostrando as responsabilidades de cada um nessa relação, e como isso possibilitou o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, mais conhecedora de seus direitos e suas obrigações.

O segundo exemplo que tenho comigo é mais íntimo e fez um impacto em mim maior do que eu esperava e fala sobre gênero.

Quando comecei a frequentar esse Tribunal, em 2002, espantei-me com a quantidade de mulheres que atuavam por aqui, advogadas, juízas, desembargadoras.

Vindo de uma cultura bastante machista, foi um espanto e uma grata surpresa saber que era possível também estar naqueles lugares!

Lembro-me do meu primeiro congresso quando vi pela primeira vez a Presidente desse Tribunal - nunca vou me esquecer. Dra. Eliana, aquela pequena grande mulher, ocupava o cargo mais alto de um dos maiores Tribunais desse País.

Vinte e quatro anos depois, onde ainda somos muito questionadas em diversos espaços, onde vivemos uma onda de conservadorismos, me mantenho aqui firme lutando pelos espaços, por mudanças e sei que isso só acontece por conta dos exemplos dessas mulheres que vieram antes de mim.

Ouso dizer que esse Tribunal também tem grande importância na construção do papel da mulher em nossa sociedade, não foi raro entrar em audiência e presenciar um reclamante ou advogado questionando a autoridade e a capacidade de magistradas e outras advogadas e, mesmo assim, terem que aceitar o fato de que ali estávamos em posição de igualdade, não foi raro ver teses machistas serem afundadas em potentes decisões.

Sei que esses exemplos são pessoais, que transformaram a forma como eu consigo enxergar o mundo, mas é inegável o impacto que apenas esses dois fatos causam em nossa sociedade.

São métricas silenciosas e por isso parecem simples, mas não são! Cuidar da base do sistema capitalista, promovendo dignidade, responsabilidade e justiça é um trabalho árduo que impacta as pessoas em lugares que nem mesmo elas sabiam que precisavam.

Eu diria que sou feita de muitas histórias que cruzam com as desse Tribunal e que vejo, daqui do meu lugar, a grandiosidade do trabalho que ajuda a construir essa sociedade e, sendo assim, desejo vida longa! Que seus juízes e desembargadores sigam sendo corajosos para enfrentar e propor grandes mudanças.

Giseli Mozela do Amaral
Empresária